ISSN 1984-5634

Da curiosidade à hipótese: o ensino de História Antiga como forma de pensar novos objetos e experiências

Yasmin Gomes Cardozo[1]
Julia Annido Nunes[2]

Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

A discussão sobre o ensino de História na educação brasileira, sobretudo no que convém à História da Antiguidade, é fortemente marcada pelos desafios da pós-modernidade. Afinal, História Antiga para quê? História para quê? Talvez seja esse um dos principais desafios dos historiadores: responder essas questões. Isto é, se o discurso histórico não nos serve, os historiadores tampouco. No entanto, não há como negar que a Antiguidade rende produto na atualidade; é curioso notar que, no currículo, o ensino de História Antiga tende a ser considerado dispensável, mas, de maneira intrigante, a outros veículos, a temática parece de extrema importância e destaque.

Nesta linha de raciocínio, estimular o pensamento crítico por meio do discurso científico aparece entre as pautas de emergência entre desafios do ensino de História na atualidade. Isso porque a quantidade de conteúdo pseudocientífico produzido nos últimos anos tem alcançado uma dimensão mais que considerável entre os grandes veículos de comunicação, que encontram no mundo contemporâneo um terreno fértil para a disseminação da pseudociência, dos conteúdos simplificados em tópicos de curiosidades ou "fatos interessantes".

Sabemos que, entre os fatos interessantes aos alunos do ensino básico, a temática do mundo antigo suscita bastante curiosidade, não é à toa o investimento da grande indústria no tema. A produção de conteúdo sobre a Antiguidade não apenas rende como também é moldada às demandas da indústria e se encaixa cada vez mais na cultura *pop* direcionada principalmente ao público infanto juvenil; o equivalente aos alunos do ensino básico. É nesse contexto que autores, na maioria das vezes não-historiadores, se destacam

EDITOR-CHEFE:
Elisa Schneider Venzon

EDITORA-GERENTE:
Leandro Ferreira Souza

COMO CITAR:
Cardozo, Y. G.; Nunes, J. A. Da curiosidade à hipótese: o ensino de História Antiga como forma de pensar novos objetos e experiências. *Aedos*, Porto Alegre, v. 16, n. 35, p. 66-70, jan.–jun., 2024.

https://seer.ufrgs.br/aedos/

1 Graduanda do curso de Licenciatura Plena em História pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ). Orcid: https://orcid.org/0009-0003-2445-5077. E-mail: yasgcardozo@gmail.com.

2 Graduanda do curso de Licenciatura Plena em Letras/Espanhol na Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ). Orcid: https://orcid.org/009-0006-1436-4712. E-mail: juliaannido@ufrrj.br.

propagando ideias de negação, enaltecendo uma curiosidade e subvertendo o discurso histórico e o transformando em um discurso sobre a história de fatos interessantes.

Vale ressaltar a tradição de produção de novelas bíblicas, nas quais trazem a realidade atual como "capa do passado", não se atentando às mudanças históricas e mostrando a Antiguidade como um conceito reduzido. Além disso, os elementos pagãos presentes nas novelas bíblicas são retratados de forma pejorativa, mostrando quase sempre uma sociedade violenta e com estereótipos preestabelecidos, sobretudo quando se trata de Roma, assim como a temática de Roma sofre estereótipos de ser uma sociedade violenta e ociosa; ou a Grécia com o estereótipo de uma sociedade "apenas" filosófica; ou o Egito com seus estereótipos de mistério. Todavia, é necessário dizer que as novelas criam uma aproximação com a sociedade atual, o que pode ser benéfico para trazer a pauta da Antiguidade para o cotidiano das pessoas. Mas, vale dizer que cada lugar possui suas especificidades, e a Antiguidade tem uma pluralidade de ideias, conceitos e eventos que essas novelas não dão conta.

É importante lembrar que, as narrativas sobre a História são também leituras e representações das fontes, e é fundamental conseguir identificar a proposta de cada narrativa. O mundo é dotado de sentido, logo, os espaços igualmente; quando se trata de espaços que se propõem a narrar sobre a História, é preciso se dispor a perceber que discursos permeiam aquele lugar e que sentidos ele sugere a respeito do tema ao qual se debruça sobre. Ao entrar em um museu, por exemplo, observar um quadro, ler uma revista ou acessar conteúdos midiáticos audiovisuais, vale se perguntar: Quais os objetivos desta exposição? O que um título que envolve "curiosidades" sobre a História sugere? O que o veículo do conteúdo diz sobre o público alvo? E que discurso pretende disseminar a partir de como se apresenta ao público?

Ora, não se trata aqui de propor teorias e metodologias da História elaboradas ao aluno. Por outro lado, se trata de compreender que toda elaboração de narrativa sobre as fontes está imersa em propósitos que interessam a quem a produz, é claro, e se dispõe a argumentar e justificar suas hipóteses e/ou conjecturas. Os porquês das narrativas, a motivação do ponto de partida, a abordagem por meio da arte ou por meio da guerra, de modo geral, não são casualidade, são escolhas discursivas e estratégias de como produzir um argumento. Ou seja, a leitura das fontes revela as ideologias imersas no contexto de sua interpretação, e é importante saber apontá-las.

Sob uma relação paradigmática, é possível identificar nesses discursos os ditos e não-ditos que sustentam as relações da interpretação da fonte com o contexto e a produção. O ensino de História, nesse sentido, também carrega consigo interesses em suas propostas; no entanto, dentre tais, se vale do princípio de um compromisso com a ciência e o discurso científico: "fazer História" significa preconizar uma narrativa que se justifica a partir de um método e de um discurso alinhado aos fundamentos da ciência. Isso precisa ficar claro a todo e qualquer que se dedica aos estudos da História como disciplina.

É consenso que estimular o pensamento crítico tem sido uma das emergências na pauta da educação. Assim, propor estratégias didáticas de leitura crítica como abordagem para o ensino em sala de aula pode ser uma sugestão ímpar na transformação do espaço escolar em um laboratório, isto é, um espaço de investigação, que converte dados em conhecimento, conhecimento em informação. Trabalhar na motivação da produção de argumentos por meio da formulação de hipóteses sobre o discurso tem sido um dos nossos desafios para alcançar os objetivos de uma educação que valoriza a ciência e o pensamento crítico. A leitura crítica pode contribuir para a autonomia do conhecimento num

mundo onde dois *clics* te levam a universos de múltiplos significados, ideologias e intencionalidades discursivas. Em outras palavras, ensinar os alunos a identificar as propostas das narrativas sobre a História é dar possibilidade de emancipação: "*lo crítico alude al pensamiento analítico que requiere una disposición a actuar de determinada manera en ocasiones en que se conoce el tema o la problemática en cuestión*" (SERRANO; MADRID, 2007). E, nesse viés, o ensino de História Antiga se demonstra um meio em potencial para tais abordagens dessa criticidade.

A perspectiva defendida a partir das conjecturas elaboradas é de que o ensino de História Antiga funciona como uma ferramenta para pensar o papel das fontes e da cultura material nas investigações nas ciências humanas e sociais, sob uma perspectiva da atualidade. Quais problemas emergem na atualidade que podemos buscar respostas nos estudos sobre o mundo antigo? E de que maneiras as fontes podem nos dar pistas sobre possíveis hipóteses? É indispensável pensar o ensino de História Antiga na atualidade alinhado às descobertas e novos objetos nas investigações acadêmicas; e é assumido entre os estudiosos que a fonte, o objeto, serve para nos indicar possíveis caminhos de interpretação (afinal, para que mais serviria?!), e os alunos precisam se ver inseridos no exercício de investigar. Não se subestima a ciência quando se vive ela cotidianamente. O exercício da ciência precisa ser inserido no cotidiano de todos os eixos da educação, desde o básico ao especializado; isso gera estímulo e valorização. Por isso, introduzir abordagens que envolvem a cultura material repercute mais que uma aposta cujo interesse é gerar mais curiosidade. Pelo contrário, sugere a partir da curiosidade sobre o objeto o interesse de conhecer.

A cultura material mostra um lado da História que é tangível, palpável, que torna tudo mais real para as crianças e adolescentes, por esse motivo, se demonstra um instrumento que aguça as noções sobre tempo e espaço, texto e contexto; abre brecha para falar sobre conceitos fundamentais para os estudos da História como ciência. O objeto abre portas para pensar tópicos como produção, circulação, acesso, recepção… Quando vemos uma moeda, um vaso, uma pintura diante de nós, o exercício de fazer perguntas ao objeto parece surgir quase que naturalmente: de onde vêm, para que servem, o que significam... Porque fazer perguntas é algo cotidiano. E o primeiro passo na ciência é exatamente esse; é um desafio fazer as perguntas certas. É dessa maneira que se estimula o pensamento crítico e o "fazer científico": levando os alunos da curiosidade à hipótese. Ensinar ciência, então, começa por ensinar a fazer perguntas e motivar reflexões a partir dos dados que se obtém.

Nesse sentido, é necessário que os professores tenham uma boa base de experiências de aulas, conteúdos e práticas docentes ainda durante a licenciatura em História e, além disso, que as experiências adquiridas sejam aplicadas em um contexto de conhecimento do outro, tanto em relação aos alunos como nas experiências sociais que as escolas e os alunos se encontram para que a produção de sentido seja válida. Dessa forma, de acordo com a historiadora Patrícia Azevedo:

> Produzir sentido exige do professor um conhecimento do outro, mesmo que esse conhecimento seja uma concepção hipotética do aluno que está à sua frente, do entorno real ou imaginado que compõe a sua sala de aula, dos condicionantes curriculares, das estratégias avaliativas impostas pela hierarquia estabelecida e da tradição que constitui o ensino de história. Ao ensinar, o professor avalia seu tempo-espaço e, logo, conduz e constrói seus enunciados. (AZEVEDO, 2013, p. 27)

Outra questão a ser debatida é a forma "tradicional" de dar aula, presente até os dias atuais e de uma maneira hierárquica. Nesse prisma, as aulas são ministradas com a configuração tradicional de

uma sala de aula – o professor à frente e os alunos atrás –, fazendo com que muitas vezes os alunos não tenham uma escuta participativa ou até mesmo que eles não se sintam à vontade para trazer questões e hipóteses. Logo, reformular a configuração da sala de aula é uma alternativa para fazer com que os alunos consigam ter uma escuta participativa e romper com a forma tradicional de assistir uma aula. Ainda na perspectiva de Azevedo (2013, p. 33):

> A aula, como vários rituais, possui procedimentos padrões e normas institucionais definidas sócio-historicamente. Dessa forma, os procedimentos pedagógicos estão sujeitos a regras e condicionantes sociais definidos pela estrutura hierárquica em que está inserido o ensinado.

A partir de tais considerações, quebrar com alguns padrões tradicionais da sala de aula mostra-se relevante para o ensino de História, sobretudo no que tange o ensino de História Antiga. Nesse caminho, quando pensamos em uma nova configuração da sala de aula, queremos romper com o padrão tradicional, ou seja, o professor à frente e os alunos enfileirados atrás. Propomos uma configuração em círculo (professores e alunos sentados lado a lado), voltada para o debate e partilha de ideias, partindo do mesmo pensamento que o historiador Marcel Detienne aborda em *Os Mestres da Verdade na Grécia Arcaica* (2013), sobretudo com o argumento de que centro é o lugar de partilha da palavra. A partir de tais considerações, Detienne afirma: "O *méson* é o ponto comum a todos os homens organizados em círculo". (2013, p. 98). Dessa forma, depositar no centro as discussões é demonstrar "o que é comum" e "o que é público", isto é, o centro foi o lugar escolhido como instrumento do discurso-diálogo[3]; é no centro das assembleias que o discurso-diálogo assume o caráter de igualdade e reciprocidade. Ainda por esse argumento, segundo Detienne:

> Para toda uma tradição, pôr *es méson* é pôr "em comum". "Tudo o que sei – escreveu em algum lugar Heródoto – é que, se todos os homens trouxessem para o meio (*es méson*) suas desditas pessoais (*tá oikéia kaká*) para trocá-las com as de seus vizinhos, cada um, depois de examinar bem as desditas alheias, levaria de volta com alegria aquilo que tivesse trazido. Quer se tratasse de deixar bens indivisos, quer de torná-los comuns, para proceder a uma nova partilha, a expressão *es méson* sempre retorna. Através das formas institucionais vigentes tanto na entrega de prêmios, quanto na divisão do butim, os valores do centro são nitidamente discerníveis: o centro é, ao mesmo tempo, "o que é comum" e o "o que é público". (DETIENNE, 2013, p. 95-96)

Em suma, cabe lembrar que a proposta de trazer ao "centro" os questionamentos dos alunos faz com que eles se sintam mais à vontade para expressar suas ideias e trazer hipóteses novas. Nesse prisma, a ideia geral abordada por Detienne nos mostra que o centro é o lugar de partilha das ideias, além de trazer um caráter de igualdade entre as pessoas que estão ali debatendo. Logo, é importante que os alunos entendam, não apenas por meio do "centro", mas que formular questões é um traço que carregamos da Antiguidade, isto é, o mundo antigo deixou sua digital até a contemporaneidade. Além disso, faz-se necessário abordar que mais que obter respostas, é importante fazer perguntas, pois por meio deste caminho de questionar, os alunos conseguirão trazer novos objetos e hipóteses para a História Antiga.

3 De acordo com Detienne, o discurso-diálogo possui aspecto igualitário e é laicizado. Ele é o verbo dos guerreiros e compreende-se no tempo dos homens. Dessa forma, ele difere do discurso mágico-religioso, pautado no mito. O discurso-diálogo, de caráter laicizado, "é uma palavra que precede à ação humana, que é seu complemento indispensável". (DETIENNE, 2013, p. 101)

Nesse mesmo ângulo de análise, vemos que atrelar a ideia do centro como proposta de uma nova configuração da sala de aula pode fazer com que os alunos estimulem o pensamento crítico e tragam uma nova linguagem para o ensino de História Antiga. Portanto, refletir sobre a sociedade por meio de perguntas, hipóteses e argumentos, também dentro de sala de aula, trazendo ainda a reflexão sobre o estudo da História Antiga como eixo ancorado em outros conhecimentos, como por exemplo o trabalho arqueológico, antropológico e linguístico nos permite inovar pontos de partida para outras abordagens e propostas.

REFERÊNCIAS

AZEVEDO, P. B. História ensinada: práticas de letramento e produção de sentido. *Educação: Teoria e Prática.* Rio Claro, v. 23, n.44, p. 24-45, 2013.

CORSI SILVA, S. Aspectos do ensino de história antiga no Brasil. *Alétheia - Estudos sobre Antiguidade e Medievo*, v. 1, n. 1, 12 jul. 2019.

DETIENNE, Marcel. O Processo de laicização. *In: Mestres da verdade na Grécia arcaica*. Prefácio de Pierre Vidal-Naquet. Tradução de Ivone C. Benedetti. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2013. p. 87-112.

FUNARI, P.P.A. *A Antiguidade Clássica*: a História a partir dos documentos. Campinas: Editora da UNICAMP, 1999.

FUNARI, P.P.A. História Antiga: a renovação no ensino da História Antiga. *In:* KARNAL, Leandro. *História na sala de aula*: conceitos, práticas e propostas. São Paulo: Contexto, 2007.

SERRANO DE MORENO, Stella; MADRID DE FORERO, Alix. Competencias de lectura crítica. Una propuesta para la reflexión y la práctica. *Acción pedagógica*, n. 16, p. 58-68, 2007. Disponível em: http://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=2968602. Acesso em: 31 mar. 2023

VI Encontro Discente de História da UFRGS

ISSN 1984-5634

As Traquínias de Sófocles e o feminino

Darcylene Pereira Domingues[1]
Universidade Federal de Pelotas

O presente trabalho dedica-se a analisar a tragédia grega intitulada As Traquínias de autoria de Sófocles por volta do ano de 430 a.C representada na cidade de Atenas no teatro de Dioniso. Nesse sentido, observamos em cena a personagem Dejanira, esposa do herói Héracles, juntamente com o Coro feminino composto pelas moradoras da cidade de Tráquis realizando um diálogo constante a respeito do feminino no interior da pólis. Dejanira uma mulher madura e com filhos reivindica através de uma poção mágica a paixão do seu esposo mais uma vez, contudo, torna-se a responsável por um embuste e a realizadora da profecia anterior conhecida sobre o fim do filho de Zeus. Logo, desejamos analisar a construção discursiva dessas personagens e o discutir próprio do feminino e do seu espaço de ação no interior de uma sociedade androcêntrica.

Ao realizar a leitura da obra observamos que Dejanira simboliza a donzela disputada por um herói, a mãe cuidadosa e principalmente a esposa que espera o retorno de seu marido, mesmo após ele introduzir no interior da casa uma jovem mulher, "diante das mulheres do coro, fala de sua dor profunda e do único recurso que, como mulher fraca, têm à sua mão" (LESKY, 1976, p. 134), tentar reconquistar. Nessa perspectiva, desejamos desenvolver categorias a partir da comparação das tragédias citadas por meio da análise textual discursiva proposta por Moraes e Galiazzi (2020). Essa metodologia utiliza ferramentas da análise do discurso fundamentadas por Orlandi e outras da análise de conteúdo de Bardin. Logo, a metodologia empregada une aspectos de ambas as análises e deseja a realização de uma pesquisa qualitativa que leva em consideração o discurso e o contexto no qual a fonte está inserida. Assim, ensejamos demonstrar a proximidade e o distanciamento existente na construção discursiva entre Dejanira e o Coro feminino. Logo as categorias estão fundamentadas na análise temática, uma vez que, utilizamos diferentes fontes. Além disso, é a partir dessas categorias que poderemos observar o discurso próprio do feminino nas tragédias; a proximidade com o Coro feminino; e o desfecho das heroínas trágicas. Inicialmente pensamos que

EDITOR-CHEFE:
Elisa Schneider Venzon

EDITORA-GERENTE:
Leandro Ferreira Souza

COMO CITAR:
Domingues, D. P. *As Traquínias* de Sófocles e o feminino. *Aedos*, Porto Alegre, v. 16, n. 35, p. 71-74, jan.–jun., 2024.

https://seer.ufrgs.br/aedos/

1 Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em História na Universidade Federal de Pelotas. Orcid: https://orcid.org/0000-0003-1475-0577. E-mail: darcylenedomingues@gmail.com.

o ponto de reivindicação de ambas as personagens é o mesmo: o leito nupcial/matrimônio, embora apresentem abordagens díspares nas suas falas. Outro ponto é a discussão do papel do feminino no interior da *pólis,* qual a sua função nesse espaço cívico que apresenta uma domesticidade dessas mulheres. E por fim, a utilização de um *pharmako* que resulta na morte e de Herácles.

DESENVOLVIMENTO

Inicialmente, iremos discorrer a respeito da mitologia envolvida em, uma vez que, esses fatos também são citados pelo trágico no interior da obra e são fundamentais para os desenlaces. Dejanira era filha de Eneu[2] e Alteia, princesa de Cálidon na região da Etólia, uma moça que segundo a mitologia fora disputada por "muitos pretendentes que afluíram ao palácio de Eneu em Plêuron para pedir a mão da encantadora Dejanira, que conduzia carros de combate e praticava a arte da guerra" (GRAVES, 2018, p. 270). Contudo, abandonaram a disputa quando descobriram que seus principais rivais eram o deus-rio Aqueloo e Héracles. Esse embate pela donzela é cantado durante a tragédia[3] de Sófocles, que relembra o episódio do combate entre o herói grego e a figura mitológica, que possuía três formas: um touro, uma serpente malhada e um homem com cabeça de touro. Assim, conta-se que "usando seus poderes, Aqueloo transformou-se em touro, mas Héracles quebrou-lhe um dos chifres. O deus-rio deu-se por vencido e cedeu ao herói o direito sobre a filha de Eneu" (BRANDÃO, 2015, p. 274). Héracles juntamente com Dejanira deixam a região dirigindo-se para Tráquis, porém durante a jornada novamente aparece outra figura, o centauro Nesso, que habitava as margens do rio Eveno e exercia o ofício de barqueiro. Nesse instante da travessia, Nesso tenta violar Dejanira que grita por ajuda ao esposo e Héracles atira-lhe uma flecha envenenada com o sangue da Hidra de Lerna. Num suspiro final, Nesso convence a jovem Dejanira para que recolha o sangue de sua chaga, afirmando ser um precioso filtro amoroso, o que posteriormente se tornará o infortúnio do casal.

O enredo da tragédia inicia com Dejanira exilada na cidade de Tráquis com seus filhos à espera do retorno Héracles, após quinze meses de sua partida, sem notícias sobre seu possível sucesso ou morte. Além desses personagens encontramos também o Coro feminino, formado pelas mulheres moradoras da cidade, *As Traquínias*, o coletivo que nomeia a peça. Contudo esse silêncio é quebrado com "uma comitiva chefiada por Licas que anuncia o retorno do herói e, juntamente com a jubilosa notícia, traz escravas que foram conquistadas por Héracles" (DAGIOS, 2020, p. 209). No interior desse grupo uma jovem, com traços nobres, chama a atenção da esposa do herói, é a princesa Íole, filha do rei da Ecália, a nova cativa. A partir desse instante, os fatos desconhecidos são revelados no palco através de um mensageiro que interroga Licas sobre a verdadeira motivação da ausência de Héracles. E na tentativa de novamente arrebatar os desejos do marido, Dejanira enviou-lhe uma túnica embebida "no filtro-amoroso ensinado e deixado por Nesso" (BRANDÃO, 2015, p. 133). Infelizmente, o filtro mágico era uma armadilha e Dejanira torna-se a responsável pela destruição e queda do filho de Zeus. A tragédia apresenta como desfecho o suicídio da esposa culpada pelo embuste, a morte de Héracles no monte Eta e a concretização do oráculo que afirmava que um habitante do Hades seria o responsável pela morte do herói. Portanto, "a morte do Centauro nas mãos de Héracles – ambos atraídos por Dejanira

2 Contudo, encontramos informações que afirmam que: "Dejanira, porém, era na verdade filha do deus Dionísio com Alteia, mulher de Eneu, como se tornou evidente quando Meléagro morreu e Ártemis transformou suas irmãs lamuriantes em galinhas-d'água" (GRAVES, 2018, p. 270).

3 Sófocles, *As Traquínias*, v. 6–20.

– representa a própria morte de Héracles através da cegueira daquela que foi a causa da morte do Centauro" (FIALHO, 1975, p. 140).

Dejanira afirma desde o início que não deseja ser vista como uma mulher vil, "que eu nunca saiba ou aprenda audácias torpes! Detesto mulheres audazes!" (Sófocles, As Traquínias, v. 583-584), justamente por isso, utilizar o filtro amoroso num impulso pois apresenta "a iniciativa e habilidade de uma mulher estruturalmente insegura e indefesa," (FIALHO, 1975, p. 146). Nesse sentido destacamos aqui duas falas do Coro destinadas exclusivamente a Dejanira nesse momento, no qual, ela é responsável pela fatalidade com o marido:

> "As gentes sabem abrandar a cólera/ se o erro, como o teu, é involuntário" (v. 727-8)
> "Por que partir silenciosamente?/ teu silêncio reforçará as suspeitas" (v. 813-4)

A partir desse questionamento inicial desejamos observar o discurso feminino presente ao longo da fonte selecionada, uma vez que, como já demonstrado, além da personagem citada também encontramos um coro feminino muito presente em ambas as tragédias. Esse personagem coletivo, e ao mesmo tempo anônimo, que era encarnado por um grupo oficial de cidadãos que tinha como papel exprimir os seus temores, esperanças e interrogações. O coro, fundamentalmente, expressa às partes cantadas e traz à cena novos questionamentos que permeiam o interior da pólis, uma vez que, "o Coro não mais se identifica com as personagens do mito; delas, fala apenas. É a palavra, não mais a pessoa, que representa o fato" (SNELL, 2005, p. 99). Nesse sentido, Vernant (2005, p. 12) nos revela que o coro não usava máscara, apenas disfarçado representava em cena um personagem coletivo que encarnava a voz dos cidadãos.

Nessa perspectiva, a categoria de gênero está intimamente conectada com as relações sociais e culturais presentes na tragédia, pois são justamente essas relações que retroalimentam as distinções entre homens e mulheres. É a partir das regulações sociais impostas culturalmente que as relações de gênero se concretizam, naturalizando-se assim as desigualdades. A partir da nossa interpretação, afirmamos que a utilização da categoria de gênero para análise das fontes é decorrente de um ponto de vista das leituras realizadas e das interpretações que respaldam nossas observações, uma vez que visualizamos uma sociedade, marcadamente androcêntrica. Além disso, não devemos projetar categorias contemporâneas e essencialmente avaliações morais, como amor, sexualidade e erotismo, para o passado, pois estamos utilizando concepções atuais para classificar indivíduos temporalmente muito distantes de nós. Assim, segundo Boehringer (2011), uma peculiaridade de nossa sociedade ocidental contemporânea é olhar as relações eróticas e românticas, e distinguir as relações com base no sexo da pessoa amada, opondo homossexualidade à heterossexualidade, sendo o último considerado normal e natural.

CONCLUSÃO

Portanto, encontramos na personagens diferentes maneiras de agir do feminino, seja através da ação ou do discurso. Outro ponto importante e que também será abordado é a aproximação e o diálogo constante com o coro de mulheres, esse coletivo de mulheres compreende a dor de Dejanira e acompanham suas lamentações, pedem justiça, consolam e principalmente observam as atitudes sem

interferir ou julgar. O estudo histórico não pode separar o feminino do masculino para compreender uma sociedade, visto que, as relações sociais de ambos os sexos estão interligadas, como afirma Scott "as mulheres e os homens eram definidos em termos recíprocos e nenhuma compreensão de qualquer um poderia existir através de estudo inteiramente separado" (SCOTT, 1995, p. 3). Essa nova forma de observar a sociedade, e de fazer história, dependerá da forma que o gênero seria desenvolvido como uma categoria de análise. O uso do conceito gênero coloca em ênfase o sistema de relações que podem incluir o sexo, entretanto não diretamente determinado por ele.

REFERÊNCIAS

BOEHRINGER, Sandra. *Le Genre dans et pour L'historie.* Paris: Armando Colin, 2011.

BRANDÃO, Junito de Souza. *Dicionário Mítico-Etimológico da mitologia grega*. Vol 1. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.

DAGIOS, Mateus. Dejanira e a morte no leito: considerações sobre gênero e matrimônio na tragédia As Traquínias de Sófocles. *Revista Mare Nostrum*, ano 2020, v. 11, n. 1.

FIALHO. Maria do Céu. Eros e Finitude em As Traquínias de Sófocles. *Humanitas*. 1976.

GRAVES, Roberto. *Os mitos gregos.* Tradução de Fernando Klabin. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2018

LESKY, Albin. *A tragédia grega.* Tradução de Geraldo Gerson de Souza e Alberto Guzik J. Guinsburg. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 1976.

MORAES, Roque; Galiazzi, Maria do Carmo. *Análise textual discursiva*. 3. ed. Ijuí, Ed. Unijuí, 2016.

SNELL, Bruno. *A Cultura Grega e as Origens do Pensamento Europeu*. Tradução de Pérola de Carvalho. São Paulo: Perspectiva, 2005.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil para análise histórica. *Educação & Realidade*, Porto Alegre, p. 71-99, 1995. Disponivel em: <https://disciplinas.stoa.usp.br/pluginfile.php/185058/mod_resource/content/2/G%C3%AAnero-Joan%20Scott.pdf>. Acesso em: 7 fevereiro 2014.

Fonte

SÓFOCLES. (2014). *As Traquínias*. (T. Vieira, trad.). Ed. 34.

VI Encontro Discente de História da UFRGS

ISSN 1984-5634

A imperatriz Eudóxia e a cristianização de Gaza: o caso da construção da Igreja Eudoxiana

Amanda de Carvalho Santos Lima[1]

Universidade Federal do Rio de Janeiro

A imperatriz-consorte romana do Oriente, Élia Eudóxia, esposa do imperador Arcádio, tem data de nascimento desconhecida, girando em torno de 377 e seu falecimento ocorreu no ano 404. Em seu papel como matrona romana[2] e como agente estabilizador da dinastia, era considerada uma consorte modelo[3] (MAYER, 2006, p. 205). De fato, Eudóxia desempenhou um papel dominante nos assuntos religiosos do Estado, usando a sua posição na Corte Imperial para combater o paganismo[4] e o arianismo[5] que, na passagem do século IV para o século V, possuíam mais adeptos que o próprio cristianismo no império oriental.

EDITOR-CHEFE:
Elisa Schneider Venzon

EDITORA-GERENTE:
Leandro Ferreira Souza

COMO CITAR:
Lima, A. C. S. A imperatriz Eudóxia e a cristianização de Gaza: o caso da construção da Igreja Eudoxiana. *Aedos*, Porto Alegre, v. 16, n. 35, p. 75-79, jan.–jun., 2024.

https://seer.ufrgs.br/aedos/

1 Graduanda em História na Universidade Federal do Rio de Janeiro. Orcid: 0009-0007-6114-8307. E-mail: amandadecslima290699@gmail.com.

2 A matrona romana era considerada uma mulher de moral respeitável, status social elevado, e obediente às tradições romanas (FURLANI, 2017, p. 150).

3 De acordo com a historiadora espanhola Maria José Hidalgo de la Vega, as imperatrizes-consortes eram as esposas dos imperadores romanos. Tais mulheres não exerciam o poder de fato, porém possuíam grande influência na corte, opinavam em questões públicas e desempenhavam um papel público importante como figura do culto imperial (HIDALGO DE LA VEGA, 2012, p. 161-178 *apud* FURLANI, 2017, p. 24, 25). No entanto, o autor Kenneth Holum em *Theodosian Empresses: Women and Imperial Power in Late Antiquity* (1982) defende que as mulheres imperiais dos séculos IV-V fizeram parte de uma nova tradição política na qual o papel feminino foi excepcional, sendo tais imperatrizes não apenas figurativas, mas possuidoras de verdadeiro poder político, conhecido como *basileia* (poder ou autoridade feminina). Já a historiadora da arte Liz James, em seu trabalho conjunto com Barbara Hill chamado *Women and Politics in the Byzantine Empire: Imperial Women* (1998), considera o poder imperial como dual, composto por uma parte masculina e outra feminina, não sendo, portanto, uma excepcionalidade. Em *Empresses and Power in Early Byzantium* (2001), a autora explora as possibilidades de uma mulher alcançar influência e poder político explorando a representação pública de características consideradas cristãs, como a devoção e a caridade. Nesse sentido, Élia Eudóxia pode ser considerada consorte modelo visto que, ao longo de sua trajetória política, explorou muitas destas características.

4 A definição do termo "pagão" possui uma conjuntura específica, como pontua Jérôme Baschet: "Por volta de 500, o cristianismo é ainda essencialmente uma religião das cidades (...) No entanto, como sublinha a *História contra os pagãos* de Orósio, 'pagão' (*paganus*) é também o homem do *pagus*, o camponês. Assim, o politeísmo antigo é considerado uma crença de homens rurais atrasados. Ele não somente é uma ilusão 'fora de moda', como já o havia dito Constantino, mas, além disso, é um resquício rural, objeto de desprezo dos citadinos" (BASCHET, 2006, p. 67). Henry R. Loyn (1997, p. 285) ressalta que a palavra era geralmente aplicada às religiões politeístas, porém é importante destacar que o termo é considerado pejorativo, porém como mobilizamos documentação cristã, faremos uso em momentos específicos.

5 A doutrina ariana, também conhecida como arianismo devido ao nome do seu criador Ário, um sacerdote cristão na cidade de Alexandria no século IV, considerava que Jesus Cristo não possuía a mesma natureza de Deus-Pai, sendo condenada como heresia no Concílio de Nicéia, em 325 d.C. (SOUZA, 2016, p. 60, 61).

Tal período representa um momento em que ocorreram diversas transformações no mundo mediterrânico, dentre as quais é importante destacar o crescimento do Cristianismo como uma religião com grande potencial de expansão, visto que passou a ser a religião oficial do Império Romano, em 380, após promulgação do Edito de Tessalônica. Apesar das problemáticas em torno do termo "cristianização"[6], é válido destacar que, no contexto da chamada Antiguidade Tardia[7], o cristianismo experimentou, de fato, uma fase de rápido desenvolvimento na qual os cristãos, autorizados a exercerem sua crença livremente, passaram a se empenhar em uma ação missionária mais intensa a fim de obter a conversão da maior parte da população[8].

O presente trabalho pretende, portanto, analisar a participação da imperatriz Élia Eudóxia no processo de cristianização de Gaza, que levou à construção de uma igreja no centro da cidade, financiada pela imperatriz e que levou o seu nome, sendo chamada Igreja Eudoxiana[9]. Para tanto, será analisada a *Vita Porphyrii*, documentação escrita por Marcos, o Diácono, na qual é dada informação pela primeira vez a respeito da construção da Igreja Eudoxiana em Gaza. A respeito da obra analisada, faz-se necessário abordar a natureza da fonte escolhida, isto é, a noção de hagiografia com a qual este trabalho dialoga. No período da Antiguidade Tardia, biografias de homens e mulheres cristãos passaram a ser escritas, em diversas línguas, tornando-se importantes fontes para a compreensão de diversas comunidades cristãs. Nesse contexto, as chamadas "Vidas dos Santos" adquiriram destaque especial, dando origem ao que convencionalmente chamamos de hagiografia (PHILIPPART, 1998, p. 12). O documento selecionado, por conseguinte, constrói uma narrativa dos confrontos entre os cristãos e os pagãos na região, na virada dos séculos IV e V, sendo amplamente utilizado como fonte histórica sobre o paganismo do período e a cristianização da Palestina.

Pretendemos, portanto, demonstrar como a presença e atuação da imperatriz Eudóxia foram fundamentais para a expansão do cristianismo e repressão às religiões tradicionais que estavam sendo realizadas na cidade de Gaza, apresentando a imperatriz como um caso notável de protagonismo feminino no contexto da Antiguidade Tardia, cuja atuação se dava, além da esfera política e religiosa nas quais ela era bastante envolvida, também na esfera econômica por meio do patrocínio de procissões,

---

6 O termo "cristianização" é uma palavra de origem inglesa, surgida em fins do século XVIII. Seu sentido é ambíguo visto que sugere uma suposta superioridade demonstrada pelo credo cristão no confronto com as crenças alheias. O historiador Gilvan Ventura da Silva aponta que, "na realidade, a difusão do cristianismo se fez, em larga medida, por meio de empréstimos culturais, hibridismos e negociações que rompem com qualquer pretensão de pureza por parte dos cristãos, sejam eles nicenos ou arianos, romanos ou ortodoxos." (SILVA, 2013, p. 2). No entanto, faremos uso do termo, na ausência de um mais apropriado, compreendendo suas limitações. Como salienta MacMullen, a cristianização foi um processo bastante complexo que exibiu inúmeras variações a depender do local e período, sendo muito difícil formularmos um modelo que o explique em termos completos, visto que sua distribuição, no tempo e no espaço, é muito desigual (MACMULLEN, 1984).

7 O recorte temporal referenciado como Antiguidade Tardia abarca o final do século IV e início do século V. Tal período é marcado por intensas discussões entre diversos autores. A historiografia tradicional positivista compreendia a passagem da Antiguidade Clássica para a Idade Média mediante fatores políticos apenas, no caso, o fim do Império Romano do Ocidente (AMARAL, 2008, p. 1). Porém, a segunda metade do século XX foi marcada por uma profunda reavaliação do período histórico, na qual destacam-se os trabalhos do historiador da arte Alois Riegl. Com o surgimento da Escola do Annales, no entanto, surgiram novas concepções sobre o período. Nesse sentido, a obra *The world of late Antiquity: from Marcus Aurelius to Muhammad*, de Peter Brown, é de fundamental importância para a consolidação de uma nova perspectiva historiográfica sobre o tema.

8 O imperador Teodósio, em 380, por meio do Edito de Tessalônica, adotou o cristianismo como a religião oficial do Império. Após esta decisão, em algumas províncias, ocorreu a destruição de templos e lugares consagrados aos cultos politeístas, bem como a proibição de ritos e sacrifícios (LEMOS, Márcia S. Os embates entre cristãos e pagãos no Império Romano do século IV: discurso e recepção. Dimensões - Revista de História da UFES, Vitória, n. 28, 2012, p. 154).

9 Esta rica igreja financiada pela própria imperatriz foi construída no local do *Marneion* arruinado, como veremos. A pesquisadora Aggeliki Trivizadaki aponta que, apesar de não ser comum na tradição eclesiástica associar o nome de uma igreja com o nome de um membro da família imperial, sabe-se, no entanto, que a iniciativa de dedicação das igrejas para as quais houve uma concessão imperial pertenceu a seu patrono, ou seja, ao próprio imperador (FRAZER, 1995, p. 8,9). Assim, como a imperatriz Eudóxia não estava presente na inauguração do templo, visto que seu falecimento ocorreu em 6 de outubro de 404 (HOLUM, 1982, p 53, 54), é provável que o bispo Porfírio e a comunidade cristã de Gaza quisessem honrar sua memória, dando ao templo seu nome (TRIVIZADAKI, 2011, p. 90).

financiamento de catedrais, cunhagem de moedas (MAYER, 2006, p. 208) e, por fim, a construção de um grande templo no centro da região de Gaza.

Situamos nosso principal aporte teórico no campo da Historiografia de Gênero. A autora Michelle Perrot aponta que o principal objetivo desse campo historiográfico é superar a forma como as mulheres são representadas nas fontes (PERROT, 1995, p. 9). No entanto, a historiadora francesa pontuou, no decorrer dos debates, que a categoria mulher era insuficiente para dar conta da diversidade de experiências e categorias femininas existentes na sociedade (PERROT, 2007). Era necessário, portanto, problematizar as relações entre os gêneros.

Compreendemos gênero, então, como uma construção cultural e social pautada nas diferenças sexuais, sendo o que é atribuído como pertencente ao masculino ou ao feminino variável de acordo com outros recortes sociais, como o de classe, étnico, etário, entre outros. A Historiografia de Gênero, então, justamente por enfatizar o caráter social e cultural das distinções baseadas no sexo, foca no aspecto relacional entre mulheres e homens, ou seja, destaca que a compreensão de qualquer um dos dois não pode existir através de um estudo que os considere em separado.

Pensando para além do gênero, outro campo valioso para os propósitos desta pesquisa é o aspecto econômico da sociedade analisada. As novas abordagens, metodologias e temáticas relacionadas à História Cultural e Política estimularam novas reflexões no campo do econômico (SILVA, 2022, p. 19). Compreendemos, portanto, que a Historiografia de Gênero configurou uma nova forma de análise que permite abordar as fontes sob uma perspectiva diferenciada e, juntamente com a História Econômica, tem muito a contribuir para o estudo das mulheres romanas.

A respeito da cidade de Gaza, a cosmopolita *polis* é considerada um caso tardio de cristianização[10] (AIROLA, 2021, p. 38) visto que sacrifícios aos deuses tradicionais ainda eram feitos em toda região no século IV e V, ou seja, apesar da existência de longa legislação que os proibia (AJA SÁNCHEZ, 2001, p. 572). Ordenado em 395, o bispo Porfírio é enviado ao local para iniciar a repressão a tais práticas Sua chegada representou, portanto, um fator desestabilizador para a vida da população de Gaza (MILEWSKI, 2018, p. 193) visto que comunidade cristã local neste período era extremamente pequena, com não mais de trezentos fiéis (AJA SÁNCHEZ, 2001, p. 576) e a maior parte dos moradores foi muito resistente à sua presença, iniciando uma série de boicotes ao seu episcopado.

Discípulo de Porfírio, o autor Marcos, o Diácono relata que, diante da intensa resistência da população, no início do outono de 403, o bispo viajou para Cesaréia com a intenção de renunciar a seu cargo, afirmando não ser capaz de resistir às ações cada vez mais agressivas por parte dos moradores (Marc. Diac., *Vita Porph*., 20). Entretanto, após chegar à cidade, decidiu não abandonar seu posto e se dirigiu para a capital, Constantinopla, com o objetivo de solicitar aos imperadores que permitissem a remoção dos santuários de Gaza, particularmente o templo local de Marnas, o chamado *Marneion*, principal templo da cidade (MILEWSKI, 2018, p. 196).

Nesse contexto, é possível notar o protagonismo da imperatriz visto que foi à consorte que o bispo Porfírio recorreu a fim de obter a ordem imperial que exigia a destruição dos templos. Eudóxia se comprometeu com tal objetivo (AIROLA, 2021, p. 44) e, assim, em 402, não só o pedido de Porfírio

10 A cidade não é exceção nesse sentido visto que a persistência de cultos tradicionais perdurou principalmente nas cidades do Leste do Império Romano. (MILEWSKI, 2018, p. 195)

foi concedido como também foram enviadas tropas imperiais para garantir que a ordem fosse executada (Marc. Diac., *Vita Porph.*[11], 32-33, 37-54). Ademais, Marcos, o Diácono, afirma que, durante uma série de audiências, o bispo Porfírio arrecadou grandes quantidades de ouro da casa imperial. Além de um total de 200 *solidi*[12] para cobrir as despesas durante a estadia em Constantinopla (Marc. Diac., *Vita Porph.*, 41, 54), o bispo também recebeu quantias significativas da imperatriz Eudóxia para manutenção da igreja de Gaza (Marc. Diac., *Vita Porph.*, 46, 48–50).

Desse modo, é possível perceber que, na *Vita Porphyrii*, Marcos, o Diácono enfatiza a importância da figura de Eudóxia para o progresso que estava sendo feito na propagação do cristianismo em Gaza (RUCHESI, 2014, p. 198). A imperatriz, além de convencer o imperador a conceder a autorização para a destruição do templo de Marnas e a subsequente fundação de uma igreja no mesmo local, ainda teria financiado a construção, enviando uma carta a Porfírio anunciando a compra de colunas de mármore de Caristo destinadas à igreja (Marc. Diac., *Vita Porph.*, 75), juntamente com o envio da soma de dois *centenarion*[13] para o bispo pagar as despesas da construção do edifício (AIROLA, 2021, p. 45).

Nesse sentido, a partir da documentação analisada é possível inferir que a imperatriz Eudóxia foi um exemplo de liderança feminina na área econômica. A consorte interferiu em assuntos político-eclesiásticos do Império Romano, chegando a se envolver com as economias da corte ao financiar igrejas, procissões e administrar cunhagem de moedas (MAYER, 2006, p. 208). O apoio político que o bispo Porfírio recebeu durante seu episcopado foi fundamental para a construção da Gaza cristã do final do século IV e, sobretudo, do século V e VI (AJA SÁNCHEZ, 2001, p. 594). No entanto, a cristianização da região só foi possível devido ao papel fundamental exercido pela imperatriz Eudóxia, que atuou como intermediária da casa imperial junto aos bispos e patrocinou a demolição de templos pagãos e a construção da maior igreja de Gaza, que levou seu nome.

LISTA DE ABREVIATURAS

Marc. Diac. Marcos, o Diácono. *Vita Porph. Vita Porphyrii*

REFERÊNCIAS

AIROLA, Leonardo C. "Que todo cambie para que todo siga igual": Porfirio y la cristianización de Gaza a fines del siglo IV. *Revista Historias Del Orbis Terrarum*, n. 27, 2021, p. 34-59.

AJA SÁNCHEZ, José Ramón. *Obispos y mártires palestinos: el caso de Gaza (s. IV)*, Gerión, vol. 19, 2001, pp. 569-594.

BASCHET, Jérôme. *A civilização feudal: Do ano mil à colonização da América*. São Paulo: Globo, 2006.

BROTTIER, Laurence. L'impératrice Eudoxie et ses enfants. *In: Revue des Sciences Religieuses*, tome 70, fascicule 3, 1996.

11 Todas as abreviações dos autores antigos seguem os padrões do Oxford Classical Dictionary.

12 O *solidi* (*solidus*) era uma antiga moeda romana de ouro criada por Constantino em 309 que circulou longamente no Império Romano, estendendo-se até ao século X no Império Romano do Oriente. Substituiu o áureo como a mais importante moeda de ouro do império.

13 O *centenarion* (*centenarium*) era uma unidade de peso igual a 100 litros de ouro (1 litro = 320 g).

FURLANI, João Carlos. *Gênero, conflito e liderança feminina na cidade pós-clássica: a atuação de Eudócia* e Olímpia sob o episcopado de João *Crisóstomo (397-404)*. Dissertação (Mestrado em História). Vitória: Universidade Federal do Espírito Santo, 2017.

FRAZER, M. A. *The Feast of the Encaenia in the Fourth Century and in the Ancient Liturgical Sources of Jerusalem.* Tese (Doutorado em Filosofia), Durham: Durham University, 1995.

FREISENBRUCH, Annelise. *Caesar's Wives: Sex, Power, and Politics in the Roman Empire*. New York; London; Toronto; Sidney: Free Press, 1977.

FRIGHETTO, Renan. Religião e política na Antiguidade Tardia: os godos entre o arianismo e o paganismo no século IV. *Dimensões*, vol. 25, 2010, p. 114-130.

HARRIES, Jill. *Imperial Rome AD 284 to 363: The New Empire*. Edinburgh: University Press, 2012.

HIDALGO DE LA VEGA, M. J. *Las emperatrices romanas: sueños de púrpura y poder oculto*. Salamanca: Ed. Universidad de Salamanca, 20l2.

HOLUM, Kenneth. *Theodosian Empresses. Women and Imperial Dominion in Late Antiquity*, Berkeley, 1982.

JAMES, Liz. *Empresses and Power in Early Byzantium*. London: Burns & Oates, 2001.

JAMES, Liz; HILL, Barbara. *Women and Politics in the Byzantine Empire: Imperial Women. Women in Medieval Western European Culture*. New York: Garland, p. 157-78, 1998.

LEMOS, Márcia S. Os embates entre cristãos e pagãos no Império Romano do século IV: discurso e recepção. *Dimensões - Revista de História da UFES*, Vitória, n. 28, 2012, p. 153-172.

LIGHTMAN, Marjorie; LIGHTMAN, Benjamin (ed.). *Ancient Greek and Roman Women: from A to Z. Revised edition.* New York: Facts on File, 2008

LOYN, Henry R. (Org.). *Dicionário da Idade Média.* Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

MACMULLEN, R. *Christianizing the Roman Empire (A.D. 100-400)*. New Haven: Yale University Press, 1984.

MAYER, Wendy. Doing violence to the image of an empress: The destruction of Eudoxia's reputation. *In: Violence in Late Antiquity: Perceptions and Practices*. Farnham: Ashgate Publishing Limited, 2006, p. 205 - 213.

MILEWSKI, I. The Economic Condition of the Bishopric of Gaza (Palestine) during the Rule of Bishop Porphyry (circa 395–420). Studia Ceranea. *Journal of the Waldemar Ceran Research Centre for the History and Culture of the Mediterranean Area and South-East Europe, [S. l.]*, v. 8, p. 193–207, 2018. DOI: 10.18778/2084-140X.08.11.

PERROT, M. Escrever uma história das mulheres: relato de uma experiência. *Cadernos Pagu*, v. 4, 1995, p. 9-28.

PERROT, M. *Minha história das mulheres*. São Paulo: Contexto, 2007.

PHILIPPART, Guy. "L'hagiographie comme littérature: concept recent et nouveaux programmes?". *Revue des Sciences Humanes*, no 251, 1998, p. 12.

ISSN 1984-5634

Alimentação, Cultura e Antiguidade: considerações sobre as práticas alimentares como objeto histórico nos Estudos Clássicos

Felipe Daniel Ruzene[1]

Universidade Federal do Paraná

Tomando por base as investigações historiográficas, compreendemos que as práticas alimentares se configuram como objetos culturais e, longe de serem metanarrativas, globais e totalizantes, demonstram relações sociais culturalmente embasadas que amparam os modos e escolhas referentes à alimentação.

A partir dessa leitura, propomos a observância da alimentação, enquanto elemento portador de ideologias e leituras de mundo, para o estudo e ensino dos diversos contextos sociais da Antiguidade. Inúmeras obras produzidas pela cultura greco-romana (médicas, filosóficas, historiográficas, artísticas e literárias), refletem vastas considerações acerca do valor da alimentação, não apenas como substância capaz de saciar as necessidades biológicas, mas como práticas que expandem os sentidos culturalmente construídos.

Observamos, portanto, a heterogeneidade de caminhos percorridos no estudo da alimentação; não apenas a história da produção, distribuição, preparo e consumo dos alimentos, também a história de seus inúmeros significados simbólicos. Assim, a alimentação é um fato ideológico, isto é, um objeto histórico complexo que necessita de uma abordagem científica multifacetada. Tal multiplicidade transdisciplinar da temática alimentar nos permite refletir a história da alimentação e, por conseguinte, sua contraparte, a história da fome, dentro do contexto da antiguidade e em seus mais variados recortes.

Assim, contemplamos que as práticas alimentares, enquanto temáticas para construção do conhecimento histórico, edificam um complexo sistema que materializa hábitos, ritos e costumes, configurando novos objetos para a investigação da história cultural no mundo antigo. As práticas alimentares descrevem as diversas funções da comida e da bebida, constituindo uma

EDITOR-CHEFE:
Elisa Schneider Venzon

EDITORA-GERENTE:
Leandro Ferreira Souza

COMO CITAR:
Ruzene, F. D. Alimentação, Cultura e Antiguidade: considerações sobre as práticas alimentares como objeto histórico nos Estudos Clássicos. *Aedos*, Porto Alegre, v. 16, n. 35, p. 80-83, jan.–jun., 2024.

https://seer.ufrgs.br/aedos/

1 Mestrando em História pelo Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Paraná (PPGHis/UFPR). Orcid: 0000-0003-0955-8505. E-mail: felipe.ruzene@ufpr.br.

marca das relações humanas e manifestando os status sócio-político-culturais encenados pelos indivíduos no imaginário das sociedades, contemporâneas ou antigas.

AS PRÁTICAS ALIMENTARES ENQUANTO OBJETO HISTÓRICO

As práticas alimentares ingressam nos domínios da História a partir do momento em que ultrapassam a mera potência nutricional e integram hábitos à mesa, memórias gustativas, fragmentos das práticas culturais que refletem determinada sociedade ou coletivo. Desse modo, a partir das perspectivas da história da alimentação, ultrapassamos a fome biológica e contemplamos costumes que expressam os variados desejos humanos, seus modos de ser no mundo, suas ritualísticas, etiquetas e filosofias.

> A alimentação é, após a respiração e a ingestão de água, a mais básica das necessidades humanas. Mas como "não só de pão vive o homem", a alimentação, além de uma necessidade biológica, é um complexo sistema simbólico de significados sociais, sexuais, políticos, religiosos, éticos, estéticos etc. (CARNEIRO, 2003, p. 1)

Nas últimas décadas historiadores, antropólogos e filósofos vêm observando a relevância dos saberes interdisciplinares que refletem as múltiplas memórias gustativas, os prazeres à mesa e, também, os tabus e proibições que envolvem o ato de comer e beber ou de produzir insumos para o consumo humano (GARRAFFONI; FUNARI, 2012, p. 278).

Partindo de diversas temáticas ligadas, direta ou indiretamente, à cultura material e à história cultural, podemos refletir os múltiplos usos da alimentação nas diferentes sociedades antigas (CANDIDO, 2012). Investigando, pois, seus hábitos, gostos e memórias, mas também os significados socio-político-culturais que suscitam a partir de suas práticas alimentares.

Portanto, as alimentações representam um conjunto heterogêneo de atitudes capazes de simbolizar costumes, normatividades e visões de mundo (GARRAFFONI; FUNARI, 2012, p. 278). Em tempos de avanço da fome e da insegurança alimentar no Brasil – frutos de um governo que se mostrou descompromissado com políticas e temáticas sócio alimentares – observamos a relevância de retratar as práticas alimentares para além de suas projeções dietéticas. Isto é, o que, como e porque comemos é definido tanto por tradições e dimensões gustativas, quanto por políticas públicas, situações econômicas e relações sociais.

ALIMENTAÇÃO COMO FORMA DE PENSAR A ANTIGUIDADE

Os autores gregos enxergavam tamanha potencialidade nas práticas alimentares, que nomearam a arte culinária pelos termos "ciência do estômago", *gasspología* (γαςσπολογία), ou "estudos do estômago", *gassponomía* (γαςσπονομία). Outra nomenclatura grega, essa bastante familiar aos contemporâneos, era gastronomia (γαστρονομία), proveniente da concatenação de "barriga", *gaster* (γαστρός), e"lei", *nómos* (νόμος).

Assim, o filósofo Epicuro (c. 341-270 AEC) afirmou que o verdadeiro sábio"não escolhe a comida mais abundante, mas a comida mais saborosa" (*Epistula ad Menoeceum*, 126 , tradução nossa)[2], evidenciando a centralidade da dietética na formação do pensamento e da filosofia antigas. Também,

2 No original: "ὥσπερ δὲ τὸ σιτίον οὐ τὸ πλεῖστον πάντως ἀλλὰ τὸ ἡδιστον αἱρεῖται" (EPICURUS, *Ep. Men.* 126).

Homero (*Odisseia*, IX. 191) definiu os gregos de seu período como *sitophagos* (σιτόφαγος), "comedores de pão" ou "comedores de trigo". Expressando, pois, que a alimentação era um agente diferenciador entre homens e deuses, como ratificado pelos mitos de Hesíodo (*Theogonia*, v. 535-560).

Portanto, há muito se considera a relevância da alimentação para os sujeitos humanos. Por isso não é estranho que nos últimos anos tenha havido um crescente interesse das humanidades em pesquisas sobre a gastronomia e os hábitos alimentares - incluindo as práticas da Antiguidade (RUZENE, 2022, p. 324).

Os gregos do período clássico acompanharam diversas transformações no cenário alimentar: surgimento de novas atividades comerciais, trocas culturais e interações gastronômicas, aparição dos primeiros livros de culinária, profissionalização das atividades na cozinha e a integração do saber gastronômico com a alteridade social (SOARES, 2012, p. 33-34).

Investigações recentes buscam apresentar que, na Grécia Clássica, a culinária era uma temática tão em voga quanto é hoje. Um assunto tão contemporâneo e transdisciplinar ao espírito helênico, que influenciou profundamente no desenvolvimento de duas áreas: a primeira, artística (sobretudo a partir da produção teatral) e a segunda, filosófica (marcada pelo desenvolvimento intelectual das elites). Desse modo, a temática alimentar margeia as obras helênicas e, embora periférica a maior parte das produções clássicas, permite-nos profícuas análises do ser, do estar e do desejar dos sujeitos antigos (SOARES, 2012, p. 35).

Os clássicos, aponta-nos Foucault (1998, p. 90), fizeram uso da alimentação como forma de refletir acerca da natureza, das relações sociais, das virtudes individuais e coletivas, das ideologias políticas e dos modelos ético-morais. Neste sentido, Maria Regina Candido (2012, p. 13) aponta que os hábitos dietéticos e as comensalidades se configuram como "lugar de fala" dos antigos. Frente a tais reflexões sobre o comer e beber, observa-se a relevância das investigações alimentares acerca da Antiguidade.

DIETÉTICA FOUCAULTIANA E OS ESTUDOS CLÁSSICOS

Michel Foucault (1926-1984) dedica a segunda parte de *História da Sexualidade – Vol. 2: o uso dos prazeres* ao estudo da "dietética", tópico no qual ele investiga as antigas técnicas gregas de cuidado-de-si por meio dos regimes alimentares. Buscando tratar a respeito da sexualidade, o autor observa a preocupação dos gregos com a comida que se mostra tão pungente, ou até mais, do que as atenções referentes ao sexo.

> A questão dos alimentos em função de suas qualidades próprias, como também das circunstâncias nas quais eles são ingeridos (sejam as estações do ano ou o estado particular do organismo) é, para a reflexão dietética, consideravelmente mais importante do que a atividade sexual. (FOUCAULT, 1998, p. 103)

Assim, para Foucault (1998, p. 35), a dietética se torna profundamente relevante nos estudos da Antiguidade, uma vez que é a primeira estilização a propósito do corpo no mundo antigo – sendo preliminar à estilização da conduta sexual. A moral e anseios alimentares, portanto, relacionam-se com uma extensa lista de prescrições e consciências que se constroem como lógica de poder desde o mundo antigo e que serão revisitadas até a contemporaneidade (FOUCAULT, 1998, p. 48).

À vista disso, constituir-se-á o poder pastoral que, para exercer autoridade sobre os indivíduos e sobre o rebanho, ditará modelos alimentares, padronizará os tabus e as proibições e solicitará a confissão em casos de desvirtuação (FOUCAULT, 2008, p. 185). Semelhantemente, o poder disciplinar e o biopoder, buscando gerir e homogeneizar os corpos de forma economicamente útil e politicamente dócil, necessita criar um padrão de "normalidade" alimentar (FOUCAULT, 2008, p. 14). A partir dessa norma os corpos se tornam úteis e obedientes ao poder estatal.

Em suma, apresenta-se a metodologia foucaultiana como forma de nos permitir contemplar as associações e observâncias alimentares que, desde a Antiguidade, estabelecem relações de poder, ditam modelos e combinam vínculos sociais, políticos, econômicos, éticos, estéticos e etc. A partir dessas concepções, Foucault (1998, p. 100) compreende a relevância da temática alimentar e de suas práticas nas sociedades humanas, relacionam-nas com a Antiguidade Clássica (sobretudo a partir da reflexão da literatura e filosofia gregas antigas) e solicita que escrevamos a propósito da dieta humana.

REFERÊNCIAS

CARNEIRO, H. *Comida e Sociedade*: uma História da Alimentação. Rio de Janeiro: Elsevier, 2003.

EPICURO. *Carta sobre a felicidade (a Meneceu)*. Tradução: Álvaro Lorencini e Enzo Del Carratore. São Paulo: Editora Unesp, 2002.

FOUCAULT, M. *História da Sexualidade 2*: o uso dos prazeres. 8ª Ed. Tradução: Maria Thereza da Costa Albuquerque. Rio de Janeiro: Editora Graal, 1998.

FOUCAULT, M. Segurança, território, população. Tradução: Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

GARRAFFONI, Renata; FUNARI, Pedro Paulo A. Alimentação, História e Arqueologia: breve análise acerca do consumo do azeite no início do Principado Romano. *In:* CANDIDO, Maria Regina (Org.). *Práticas Alimentares no Mediterrâneo Antigo*. Rio de Janeiro: NEA/UERJ, 2012. p. 278-295.

HESÍODO. *Teogonia*: a origem dos deuses. Tradução: JAA Torrano. São Paulo: Iluminuras, 2000.

HOMERO. *Odisseia*. Tradução: Trajano Vieira. São Paulo: Editora 34, 2014.

RUZENE, F. D. O mito de Prometeu, os ritos sacrificiais e o consumo de carne na Antiguidade grega. *Temporalidades*: Revista de História, Belo Horizonte, v. 14, n. 1, p. 324-348, 2022.

SOARES, C. Arte Culinária em Xenofonte, Platão e Aristóteles. *In:* SOARES, C.; DIAS, P. B. (Org.). *Contributos para a história da alimentação na antiguidade*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2012. p. 35-47.

ISSN 1984-5634

Aristófanes como crítico da cidade: uma leitura da comédia *As Nuvens*[1]

Matheus Barros da Silva[2]

Universidade Federal do Rio Grande do Sul

EDITOR-CHEFE:
Elisa Schneider Venzon

EDITORA-GERENTE:
Leandro Ferreira Souza

O presente texto tem como objetivo realizar uma problematização sobre a representação do camponês na comédia aristofânica *As Nuvens*[3]. A partir desse ponto se desenvolve alguns objetivos específicos: 1) identificar a natureza da valoração daquela figura cênica – o camponês; 2) investigar no discurso de Aristófanes elementos que permitam afirmar a existência de uma ideologia camponesa passadista.

Por uma questão de economia de tempo e espaço, foco-me em apenas uma passagem da comédia *As Nuvens*. A reflexão está condicionada por uma premissa epistemológica que afirma, que os homens, no processo de realização da produção social da existência das determinadas formações sociais, acabam por produzir, de forma concomitante, suas relações simbólicas.

Tais relações simbólicas atribuem significados à produção real, como também, em um certo nível, a compõem. A produção, e reprodução, de significados e sentidos é, creio poder afirmar, organicamente inerente às sociedades concretamente determinadas e faz reproduzir as condições que se desenvolvem no interior da mesma.

COMO CITAR:
Silva, M. B. Aristófanes como crítico da cidade: uma leitura da comédia *As Nuvens*. *Aedos*, Porto Alegre, v. 16, n. 35, p. 84-90, jan.–jun., 2024.

https://seer.ufrgs.br/aedos/

1 O artigo é uma versão expandida e aprofundada da comunicação proferida no VI Encontro Discente de História da UFRGS.

2 Doutorando em História Social na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) com bolsa CAPES. Orcid: 0000-0003-0666-1355. E-mail: matheusbarros.dasilva@gmail.com.

3 Encenada no ano de 423 AEC.

INDICAÇÕES TEÓRICAS-ANALÍTICAS

Há três conceitos dos quais me sirvo como marco teórico-interpretativo. Trata-se de *representação*, *imaginário* e *ideologia*. É imperioso afirmar que se trata de vocábulos sensivelmente complexos no campo da reflexão humanística das Ciências Humanas e Sociais. Ainda assim, creio que seja necessário introduzi-los a fim de delimitar a forma pela qual os operacionalizo em minha exposição.

Começando por representação, é possível, para iniciar, tomar a conceituação realizada por Jacques Le Goff em seu texto chamado o *Imaginário Medieval* (1994), para o medievalista o campo das representações "engloba todas e quaisquer traduções mentais de uma realidade exterior percebida" (1994, p. 11). Seguindo essa proposição, faço operacionalizar o conceito de representação também a partir da proposta de Roger Chartier. De acordo com o historiador, as representações inserem-se e atuam "[...] em um campo de concorrências e de competições cujos desafios se enunciam em termos de poder e de dominação", em outras palavras, são produzidas verdadeiras "lutas de representações" (1990, p. 17). Estas lutas geram inúmeras apropriações possíveis das representações, de acordo com os interesses sociais, com as imposições e resistências políticas, com as motivações e necessidades que se confrontam no mundo humano.

No que diz respeito ao conceito de imaginário, parto de uma definição dada por Sandra Jatahy Pesavento, que compreende o imaginário como, "[...] um sistema de ideias e imagens de representação coletiva que os homens, em todas as épocas, construíram para si, dando sentido ao mundo" (2009, p. 43). A referência é de que se trata de um sistema de representações coletivas tanto como de que se trata da construção de um mundo paralelo de sinais de que se constrói sobre a realidade, como aponta para o fato de que essa construção é social e histórica.

Nesse sentido, coaduno as ideias de Bronislaw Bazcko, que atribui ao imaginário características de historicidade e abrangência. Tal construção de sentidos se expressa, por exemplo, em discursos, práticas, ritos e performances, edificando identidade e exclusões. Faz hierarquizar, classificar, dividir e mesmo amalgamar (BAZCKO, 1991, p. 245).

Encerrando essa seção, apresento o conceito de ideologia e seu uso aqui proposto. Me apoio na tradição marxista, fundamentalmente nas lições de Louis Althusser. Por essa via, a ideologia aparece como um projeto de agir sobre determinado circuito de representações no intuito de produzir determinados resultados sociais. A ideologia se concretiza, desta forma, como um projeto de agir sobre a sociedade. Há que se apontar que a ideologia não expressa a realidade tal como é, mas visa construir e impor uma imagem destinada a dotar de sentido aquela mesma realidade. A ideologia corresponde a uma determinada forma de construir representações para atingir determinados objetivos[4].

Assim, recordo propriamente Karl Marx em seu *Grundrisse: Elementos Fundamentais para a Crítica da Economia Política*, pois, segundo determinada passagem desse texto é possível compreender que cada formação social se organiza simbolicamente a partir de necessidades concretas, "[...] essa

4 Não se deve pensar em ideologia como uma forma de discurso que visa o engano, ou a mentira. É comum atribuir à tradição marxista (que em verdade é plural em seu entendimento sobre ideologia) uma compreensão de ideologia como sinônimo de uma mentira produzida por uma classe ou grupo social com o fito de dominar e enganar outra classe ou grupo social. Nada mais incorreto, guardando as especificidades que cada corrente marxista atribui à ideologia, é possível afirmar que não se trata de colocar o debate em termos tão simplistas e mesmo moralistas, como mentira e verdade. A ideologia, assim, é a expressão de uma visão de mundo, que é verdadeira a partir de si mesma, que dá sentido a uma forma de sociedade. A crítica da ideologia, feita pelos marxistas, não visa tratá-la como mera falsidade ou mentira, como já aludido, mas como projeto e expressão discursiva, simbólica e mental de formas específicas da relação que os grupos humanos estabelecem com suas condições sociais de existência.

abstração é o produto de condições históricas e possui plena validade para estas condições e dentro de seus limites" (MARX, 2011, p. 246). Assim, também recordando a Karel Kosik, o processo de produzir representações é inerente às sociedades humanas, visto que são elas que mediatizam as relações dos homens entre si e o mundo (1985, p. 24). Kosik diz:

> Na apropriação prático-espiritual do mundo, da qual e sobre o fundamento da qual derivam originariamente todos os outros modos de apropriação – teórica, artística etc. – a realidade é, portanto, concebida como um todo indivisível de entidades e significados, e é implicitamente compreendida em unidade de juízo de constatação e de valor. (1985, p. 24)

Quer dizer, o caráter ativo do conhecimento possibilita a ação e a criação de sentidos e orientações do humano em sua existência concreta.

O CAMPO E O CAMPONÊS EM ARISTÓFANES

A típica unidade social de convivência desenvolvida na Grécia antiga entre os séculos VIII e IV AEC é comumente designada por πόλις, convencionalmente traduzida por cidade. Aquela unidade, para além de uma existência material, concentra seu aspecto conceitual, trata-se, a partir de um ponto de vista grego, do espaço de uma existência civilizada *par excellence*.

Com efeito, é possível identificar uma diferenciação no interior conceitual de pólis, pois é formada por dois âmbitos e modelos complementares: ἄστυ, que designa o espaço urbano da cidade, e χώρα, que apela às terras cultivadas, o campo fora dos limites urbanos da pólis, a vida rural.

São dois espaços materialmente dados, palpáveis, mas que possuem representações valorativas que comumente se colocam em situação de tensionamento na produção cultural grega. Para André Chevitarese, a segunda metade do século V AEC marca uma deliberada opção, por parte de Atenas, pelo universo urbano. Comandando as vitórias nas Guerras Médicas, Atenas, seus cidadãos, voltam-se aos valores da cidade no intuito de fortalecer a sua organização sociopolítica. Atenas havia se transformado num império marítimo, e o comércio e o artesanato passam a ser uma atividade imprescindível à vida urbana (2000, p. 67). No entanto, se por um lado, a Atenas urbana é centro de um tipo de vida singular, a democracia, por outro, permanece fortemente agrária em termos de seus maiores e mais importantes rendimentos.

A complementariedade entre ἄστυ e χώρα engendra também uma tensão, um descompasso em determinadas formas de discurso. É o que se percebe em Aristófanes. E aqui escolho apenas uma passagem da comédia *As Nuvens*[5] (423 AEC), como *locus* possível de observar aquele tensionamento.

Em *As Nuvens* vemos Estrepsíades dizer:

5 A comédia tem uma estrutura que apresenta um sujeito campesino, Estrepsíades, que se vê atormentado pelas dívidas contraídas. O homem está preocupado com a aproximação da data em que deve pagar o que deve a seus credores. Não consegue dormir, e a partir disso passa a relembrar o passado, faz isso de forma nostálgica. E pensa em qual momento sua vida se desencaminhou e o conduziu àquela situação.

Estrepsíades:

ἐμοὶ γὰρ ἦν ἄγροικος ἥδιστος βίος
εὐρωτιῶν, ἀκόρητος, εἰκῇ κείμενος,
βρύων μελίτταις καὶ προβάτοις καὶ στεμφύλοις.
ἔπειτ᾽ ἔγημα Μεγακλέους τοῦ Μεγακλέους
ἀδελφιδῆν ἄγροικος ὢν ἐξ ἄστεως,
σεμνὴν τρυφῶσαν ἐγκεκοισυρωμένην.
ταύτην ὅτ᾽ ἐγάμουν, συγκατεκλινόμην ἐγὼ
ὄζων τρυγὸς τρασιᾶς ἐρίων περιουσίας,
ἡ δ᾽ αὖ μύρου κρόκου καταγλωττισμάτων,
δαπάνης λαφυγμοῦ Κωλιάδος Γενετυλλίδος.
οὐ μὴν ἐρῶ γ᾽ ὡς ἀργὸς ἦν, ἀλλ᾽ ἐσπάθα.
ἐγὼ δ᾽ ἂν αὐτῇ θοἰμάτιον δεικνὺς τοδὶ
πρόφασιν ἔφασκον, ὦ γύναι λίαν σπαθᾷς (vv. 43-55).

Estrepsíades:

Pois eu levava uma agradável vida rústica,
Enlameado e relaxado, não incomodado por insetos,
Abundante de abelhas, rebanhos e azeite.
Depois, casei-me com uma sobrinha de Mégacles.
Eu, apenas um camponês, ela da cidade, toda pomposa
E luxuosa mulher da cidade.
No dia do casamento, quando nos deitamos
Meu cheiro era de vinho novo, figos secos e lã, em fartura. Mas ela cheirava a perfume de açafrão, beijos lascivos, despesas, gulodice e outros prazeres luxuriosos. Certamente não direi que era preguiçosa, mas esbanjava, eu mostrava esse tecido e dizia: mulher, tu esbanjas demais (vv. 43-55).

Esse conjunto de versos apresenta uma oposição entre o urbano e o rural. Outrossim, mais que uma oposição julgo conter aqui uma afirmação valorativa, e mesmo ético-política da figura do camponês e de sua forma de vida. A vida rústica (ἄγροικος) é percebida como prazerosa (ἥδιστος), e moralmente superior. A esposa de Estrepsíades é citadina (ἄστεως), e isso trata-se de um problema, pois a cidade carrega consigo determinados vícios, como um senso exagerado de orgulho (σεμνήν) e uma vida coberta de luxos (τρυφῶσαν). São duas formas de vida que se antagonizam, assim, acaba por tratar-se de um problema de engajamento ético-político.

Na referida passagem é possível perceber que Aristófanes apresenta a vida campesina em posição de destaque em relação à cidade (VIEIRA, 2002, p. 184). Com efeito, lanço a hipótese de que tal oposição é fruto e reverberação de um trauma social sofrido por Atenas alguns anos antes da encenação de *As Nuvens*. Em 431 AEC, com início da Guerra do Peloponeso, há um amplo abandono dos campos áticos, e toda uma população rural se refugia no interior dos limites urbanos da cidade. Sobre isso, Tucídides nos diz:

Durante muito tempo os atenienses viveram de maneira independente e dispersos no campo, e mesmo após sua concentração guardaram invariavelmente, até sua guerra, o hábito da vida campestre com suas famílias. Não lhes foi fácil, portanto, abandonar os lares, ainda mais porque haviam reparado pouco tempo antes os danos ocasionados pelas guerras com os persas. Deixavam relutantemente as casas e os templos aos quais estavam ligados por uma longa posse e, ao renunciarem à sua maneira de viver, era como se cada um deles se despedisse de sua cidade. (II, 16, 1-2)

Mesmo em se tratando de um plano emergencial, tal feito foi o suficiente para que toda uma visão de mundo fosse modificada. Como afirma Borgeaud, "os valores (míticos) da terra continuaram decerto a reivindicar o seu papel ideológico, mas já não ocupam o lugar central (1994, p. 137).

Para Ana Livia Bomfim Vieira,

> Aristófanes vai reaproximar a natureza dos homens. Vai, através do saber camponês, recolocar o campo num lugar de destaque em relação à cidade. Esta "retomada" dos valores rurais é, na verdade, uma tentativa de retomada dos valores dos *aristoí*, e o retorno a um momento de paz, que o autor antagoniza ao momento em que escreve as suas peças (2002, p. 184).

Comentando a mesma passagem citada de *As Nuvens*, Maria Cristina Lacerda Ribeiro diz:

> Mais uma vez o poeta mostra ao público o lugar ideal por excelência, revelando os contrastes entre espaço urbano e rural e a sua opção pelo último. Nos versos acima, o campo, como já vimos em outros momentos, representa a fartura e a autossuficiência. As inferências ao noivo são os produtos oriundos da lide rural: os vinhos, os figos, a lã; já a noiva era herdeira de atributos estranhos ao meio do camponês: o perfume, as despesas. Os moldes de vida citadinos são exagerados e dispendiosos. As dívidas de Estrepsíades advêm exatamente desse estilo citadino de vida que tomou conta do seu filho, Fidípides. Envolto em corridas de cavalos leva o pai a contrair débitos para sustentar o seu vício (2012, p. 54).

A cidade em sua forma citadina, ἄστυ, com suas estruturas econômicas, e a partir da segunda metade do século V AEC com a sofística, acaba por colocar novas prioridades ao cidadão-camponês. Fisicamente deslocado, devido à guerra, para esse novo espaço, pode sentir-se, e legitimamente, desamparado. Nesse contexto, creio ser possível afirmar que em Aristófanes há a emergência de uma retórica da ἀγροικία, ou seja, de uma forma de rusticidade que se opõe valorativamente à urbanidade.

O próprio trabalho nesse contexto mental é filtrado pela oposição ideológica entre o rural e o urbano. Nessa relação o trabalho considerado digno é aquele realizado na χώρα, ligado à terra. Aquilo que era produzido pelo trabalho agrícola era considerado um bem, por sua vez as ocupações comerciais de artesãos não possuíam o mesmo estatuto (FINLEY, 1986, p. 193). No entanto, vale apontar que no contexto de produção das obras de Aristófanes, há uma constante e crescente presença e ocupação dos segmentos urbanos na vida política ateniense. Há mesmo ricos artesãos que chegam aos mais altos postos de governança da pólis (MOSSÉ, 1994, p. 35). Xenofonte, conhecido inimigo da democracia, possui uma crítica semelhante à de Aristófanes. Em sua obra *O Econômico*, o autor pinta os artesãos e comerciantes com as cores da preguiça ao verdadeiro trabalho – na terra – e também como negligentes com os assuntos da cidade (L. IV, 2-3; L. VI, 5).

Ainda, a partir da citação de *As Nuvens*, o espaço rural, a χώρα, é o espaço não apenas de um homem de tipo elevado, mas também lugar seguro em comparação com a cidade. Isso fica patente na primeira linha da passagem, quando a vida rústica é associada à tranquilidade e à existência agradável. O próprio caráter do campesino, de acordo com Aristófanes, é superior à sua contraparte urbana. O poeta comediógrafo coloca a esposa de Estrepsíades como a figura que consubstancia os valores da cidade, da ἄστυ. Valores que do ponto de vista campesino são antagônicos à forma ideal e correta de se viver. Pois a cidade, tomada em seu aspecto urbano faz ventilar posturas e comportamentos que não são dignos de confiança e valoração.

Aristófanes se colocava sob a imagem de poeta educador de Atenas, interessando-lhe as críticas e inquietações citadinas que se estabeleciam no teatro cômico (ANICETO, 2020, p. 37). De acordo com Henderson (2007, p. 17), Aristófanes esteve entre os prítanes de seu δῆμος. Conforme Peter Jones (1997, p. 211), os prítanes detinham a responsabilidade de pautar os assuntos debatidos pela Assembleia Popular dos cidadãos, ἐκκλησία. Também entre suas atribuições estavam a avaliação do desempenho político dos atenienses que ocupavam cargos públicos, bem como velar sobre a convocação da Conselho dos Quinhentos[6], a βουλή.

6 Em Atenas, o Conselho fora instituído por Sólon no século VI. Em seu primeiro momento a βουλή era composta por 400 membros, que eram sorteados anualmente entre o conjunto dos cidadãos com idade superior a 30 anos. Na virada do século VI ao V AEC Clístenes empreende uma reforma, o Conselho passa a ser composto por 500 membros e deter um caráter executivo. Os membros passam a receber um pagamento de 5 óbolos. Nesse ponto a instituição concentra funções fundamentais ao regime democrático de Atenas, de ordem deliberativa, judicial e administrativa da pólis. Para facilitar a ordem dos trabalhos, a βουλή era dividida em 10 comissões, chamadas pritanias, cada uma delas composta por 50 membros. Os membros da βουλή deviam submeter-se a um rigoroso exame sobre sua idoneidade, estavam isentos do serviço militar, ocupavam um lugar especial nos teatros e tinham o direito de ser julgados pelos seus pares.

Bárbara Aniceto diz:

> Essa atuação reforça o liame íntimo entre o poeta e a cidade de Atenas, pois, por um lado, ao se conceber como educador do espectador, Aristófanes publicitava questões fundamentais concernentes ao funcionamento da pólis, às instituições democráticas e às relações cotidianas. Em contrapartida, ao participar ativamente da esfera política, é evidente que o teatrólogo se encontrava profundamente envolvido com aos problemas políticos de seu período, bem como vislumbrava no universo teatral a possibilidade de denunciar aquilo que julgava nocivo à cidade. (2020, p. 37-38)

Em *Os Acarnenses* (425 AEC), Aristófanes se coloca como aquele que diz à cidade de Atenas coisas justas e o papel de ensinar ótimas coisas à cidade (vv. 643-646). Nesse sentido, é importante apontar que Aristófanes produz seus textos em um contexto marcado pela oposição ἄγροικος/ἀστεῖος (rural/urbano), uma oposição que se dá entre os valores que estão consubstanciados naqueles termos. De acordo com autores como Kenneth Dover (1974) e Victor Ehrenberg (1951), no período considerado haveria um certo ideário citadino comum, que versava sobre o urbano como espaço e tipo antropológico inteligente, elegante, de bom gosto, e por sua vez o rural seria estúpido, rude e grosso.

Aristófanes parece inverter aquela lógica. O camponês e seu mundo são depositários de antigos e positivos valores. Desta forma, a questão do espaço se mostra fundamental na presente leitura proposta em relação a Aristófanes. Em outras palavras, "os seres humanos, ativamente, dão significado ao mundo material em que estão imersos e, então, agem de acordo com tais significados" (HIRATA; FLORENZANO, 2009, p. 9). Nesse sentido, considerando a si mesmo como um tipo de educador dos cidadãos atenienses, Aristófanes propõe que a face urbana de Atenas conduz a formas de existência problemáticas, que estão em tensão com o ideal suposto de vida digna, qual seja, aquela que se desenvolveria no campo e pautada em valores superiores como honradez, coragem e uma vivência frugal.

Pode se objetar que entre o camponês e o mundo rural empiricamente percebidos e aquele elaborado por Aristófanes há um *gap*. Porém, com efeito, eu diria que a projeção ideológica do comediógrafo se instaura justamente nesse interstício. Retornando ao marxismo de Althusser, o que a ideologia representa nunca é o mundo tal como ele efetivamente existe, e sim a marca nele da intervenção humana. Não são as suas condições reais de existência, seu mundo real, que os homens se representam na ideologia. O que é nela representado é, antes de mais nada, a sua *relação* com as suas condições reais de existência. É essa relação que está no centro de toda representação ideológica. Nesse sentido, a fim de encaminhar o encerramento da exposição, Aristófanes articula um imaginário determinado sobre o mundo rural e o ator social que lhe é próprio, o camponês. Tal imaginário serve como representação ideológica passadista que visa apresentar aos cidadãos uma proposta ético-política delimitada, ou seja, determinados valores guias com os quais almeja educar os cidadãos-espectadores sob bases que acredito possam ser classificadas de passadistas, e mesmo reacionárias.

REFERÊNCIAS

ANICETO, Bárbara Alexandre. *Pela Abstinência do falo: um estudo das esposas atenienses na comédia antiga*. Curitiba: CRV, 2020.

ARISTÓFANES. *As Nuvens*. Rio de Janeiro: Difel, 1986.

ARISTÓFANES. *Os Acarnenses*. Introdução, versão do grego e notas de Maria de Fátima Sousa e Silva. Coimbra: Instituto Nacional de Investigação Científica, 1988.

ALTHUSSER, Louis. *Aparelhos ideológicos de Estado*. Rio de Janeiro: Graal, 1986.

BAZCKO, Bronislaw. *Imaginário Social*. In. Enciclopédia Einaudi. Coimbra: Casa da Moeda, 1991.

BORGEAUD, Philippe. O Rústico. *In:* VERANT, Jean-Pierre (org.). *O Homem Grego*. Lisboa: Presença, 1994.

CHARTIER, Roger: *História Cultural: entre práticas e representações*. Lisboa: Difel, 1990.

CHEVITARESE, André Leonardo. *O Espaço Rural da Pólis Grega: o caso ateniense no período clássico*. Rio de Janeiro: Senai, 2000.

DOVER, Kenneth. *Greek Popular Morality in the Time of Plato and Aristotle*. California: Blackwell, 1974.

EHRENBERG, Victor. *The People of Aristophanes*. A Sociology of Old Attic Comedy. Basil Blackwell: Oxford, 1951.

FINLEY, Moses. *Democracia antiga e moderna*. Rio de Janeiro: Graal, 1986.

FLORENZANO, Maria Beatriz Borba; HIRATA, Elaine Farias Veloso. *Estudos sobre a cidade antiga*. São Paulo: Edusp, 2009.

HENDERSON, Jeffrey. *Aristophanes. Fragments*. London: Loeb, 2007.

JONES, Peter. *O Mundo de Atenas*. São Paulo: Martins Fontes: 2021.

KOSIK, Karel. *A Dialética do Concreto*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

LE GOFF, Jacques. *O Imaginário Medieval*. Lisboa: Presença, 1994.

MARX, Karl. *Grundrisse: Elementos Fundamentais para a Crítica da Economia Política*. São Paulo: Boitempo, 2011.

MOSSÉ, Claude. *Atenas: história de uma democracia*. Brasília: EDUNB, 1994.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. *História e História Cultural*. Belo Horizonte: Autêntica,

2009.

RAPOPORT, Amos. *Aspectos humanos de la forma urbana*. Barcelona: GG, 1980.

RIBEIRO, Maria Cristina Lacerda. O espaço rural ateniense no teatro aristofânico. *In:* Francisco de Oliveira, Cláudia Teixeira, Paula Barata Dias (coords.) *Espaços e Paisagens Antiguidade Clássica e Heranças Contemporâneas*. Vol. I Línguas e Literaturas. Grécia e Roma. Coimbra: Impressa da Universidade de Coimbra, 2012.

TUCÍDIDES. *História da Guerra do Peloponeso*. Brasília: EDUNB, 1985.

VIEIRA, Ana Livia Bomfim. Pólis, Phýsis e Chôra: o quinto século ateniense. *In:* THEML, Neyde (org.). *Linguagens e formas de poder na antiguidade*. Rio de Janeiro: Mauad, 2002.

XENPHON. Memorabilia, *Oeconomicus.* London: Loeb, 1992.

VI Encontro Discente de História da UFRGS

ISSN 1984-5634

Entre Antigos e Farrapos: a recepção da Antiguidade Clássica e a Guerra Farroupilha nas páginas da revista mensal da sociedade Partenon Literário (1869-1879)

Mariana Soares Zuchetti[1]

Universidade Federal do Rio Grande do Sul

EDITOR-CHEFE:
Elisa Schneider Venzon

EDITORA-GERENTE:
Leandro Ferreira Souza

COMO CITAR:
Zuchetti, M. S. Entre Antigos e Farrapos: a recepção da Antiguidade Clássica e a Guerra Farroupilha nas páginas da revista mensal da sociedade Partenon Literário (1869-1879). *Aedos*, Porto Alegre, v. 16, n. 35, p. 91-96, jan.–jun., 2024.

https://seer.ufrgs.br/aedos/

Neste resumo, procuro discutir brevemente minha pesquisa em andamento no mestrado na UFRGS e apresentada durante o *VI Encontro Discente de História*. Meus objetos de análise são as referências à Antiguidade Clássica encontradas nos textos publicados na revista mensal da Sociedade Partenon Literário onde a Guerra Farroupilha se faz presente, mais especificamente duas biografias. Busco compreender a apropriação da Antiguidade Clássica feita pelos membros da já mencionada sociedade na criação de uma epopeia farroupilha, termos por eles utilizado para se referir à Guerra Civil, através da heroicização de seus personagens. Para tanto, utilizo como referencial teórico-metodológico a História da Recepção da Antiguidade Clássica, que estuda a presença do passado clássico além de suas fronteiras temporais, averiguando suas releituras e significações.

A SOCIEDADE PARTENON LITERÁRIO

A Sociedade Partenon Literário surgiu em 1868, publicando a primeira edição de sua revista mensal no ano seguinte, e persistiu até 1886. O período em que o grupo surge, segunda metade do século XIX, é marcado pelo surgimento de diversos periódicos na província, até então praticamente inexistentes, de vida efêmera, muitas vezes devido às condições econômicas. Nesse aspecto, a sociedade pode ser considerada um marco na história dos periódicos e da vida literária da província por sua revista ter atuado por cerca de dez anos, divulgando literatura, obras publicadas, eventos culturais, estudos históricos e filológicos entre outros. O grupo era heterogêneo, formado por professores, funcionários públicos,

1 Mestranda na Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Orcid: https://orcid.org/0009-0001-8617-3417. Email: marianaszuchetti@gmail.com.

negros e mulheres (SILVEIRA, 2008, p. 16) e atuou ativamente na vida da província, protagonizando teatros, saraus, alforrias coletivas e aulas noturnas. Seus ideais eram predominantemente republicanos, abolicionistas, defensores da emancipação feminina e da formação de uma literatura local (FERREIRA, 1975, p. 60). O grupo é considerado pioneiro em produzir uma literatura posteriormente tida como regionalista, incorporando o peão da estância na literatura com sua linguagem e costumes da campanha (BAUMGARTEN, 1982, p.19)

A RECEPÇÃO DA ANTIGUIDADE

Como já mencionado, o referencial teórico metodológico adotado foi a História da Recepção da Antiguidade. Deve-se ressaltar que para essa vertente metodológica entende recepção como um processo ativo onde, a partir da leitura, ou seja, da recepção do texto pelo leitor, uma obra cria significado e pela série de leituras ao longo dos anos, esse significado se atualiza e se enriquece a cada geração de leitores, construindo-se assim, o sentido estético e histórico de uma obra (JAUSS, 1994, p.23). Ao considerar a leitura como o agente na criação de significado de uma obra, os estudos de Recepção criticam a ideia de um sentido puro e original de uma obra clássica, já que nossas interpretações sobre os textos da Antiguidade são fundamentadas por uma cadeia de recepções que conferem inteligibilidade ao texto (MARTINDALE, 1993, p.8). Portanto, os estudos de Recepção da Antiguidade Clássica focam-se 'na maneira como o mundo clássico é recebido nos séculos subsequentes e, em particular, nos aspectos das fontes clássicas que são alterados, marginalizados ou negligenciados" (BAKOGIANNI, 2016, p. 97).

A RETÓRICA E A TRADIÇÃO CLÁSSICA BRASILEIRA

Para além da Recepção da Antiguidade Clássica, utilizo como ferramenta de análise os estudos de retórica, principalmente pelo forte apelo retórico dos textos e pelo vínculo dessa com a tradição clássica brasileira. Segundo José Murilo de Carvalho, a retórica era parte da formação das elites e o uso de autores e expressões estrangeiras era uma constante no discurso da elite intelectual (2000, p. 127). As próprias biografias inserem-se na retórica da nacionalidade, caracterizada como um discurso historiográfico e político persuasivo, próprio do século XIX (CEZAR, 2003, P.75). Na formação da elite intelectual é possível destacar os exames de retórica para admissão na Universidade de Coimbra, em Portugal, e na Faculdade de Direito, no Brasil; cursos preparatórios para os exames que ministravam aulas de retórica, grego e latim; circulação de manuais de retórica em território nacional; e as cadeiras de retórica e línguas clássicas do Colégio Dom Pedro II, além das leituras de autores clássicos (PENNA, 2008, p. 72). As referências à Antiguidade se fazem presentes inclusive no Hino Rio-grandense (VARGAS, 2020, p. 95) que tinha uma estrofe que mencionava Roma e Grécia até ser retirada durante a ditadura militar.

AS FONTES E OS AUTORES

As biografias selecionadas foram duas. Menezes Paredes publicou o *Esboço biográfico - David Canabarro* em março de 1874, a terceira edição daquele ano, e Achylles Porto Alegre o *Esboço Biographico – O general Antonio de Souza Netto* no mesmo ano. Ambos os textos apresentam algumas características em comum. Primeiramente, os dois biografados foram figuras importantes da guerra civil. Há um

esboço de ambos na primeira página da revista, mas isso era uma prática relativamente comum da sociedade. Por fim, os autores apresentam uma breve reflexão antes de discorrerem sobre a vida de seus biografados.

Tanto Achylles Porto Alegre quanto Menezes Paredes afirmam a importância das gerações passadas como modelo para as gerações por vir, assim ambos os militares são descritos como exemplos de virtude de patriotismo e heroísmo a serem seguidos. Essa era uma prática comum nas biografias do período que seguiam a tradição clássica da história como "mestra da vida" (LAZZARI, 2004, p.69), onde a história seria criadora de modelos a serem seguidos (CEZAR, 2003, p. 74).

Enquanto Menezes Paredes se foca na sua defesa de figuras modelo, Achylles Porto Alegre já se prende mais na exaltação dos feitos militares dos rio-grandenses, descrevendo a província como a Esparta Brasileira pelo civismo de seus filhos (PORTO ALEGRE, 1874, p. 47), mas que, no entanto, permanecia esquecida pelo governo sendo lembrada como uma Ifigênia somente nos momentos de desespero (1874, p. 48). Menezes Paredes também toca rapidamente no assunto, mas apenas para exaltar a história da província que nada teria a invejar a história do mundo greco-romano (PAREDES, 1874, p. 649). Pode-se aplicar a noção de paralelo subjacente utilizada por Temístocles Cezar. Segundo o autor o paralelo adjacente funciona:

> como uma estratégia intelectual capaz de estabelecer relações entre um grande homem do *panteon* nacional e um grande homem pertencente a uma outra época ou contemporâneo daquele que está sendo biografado. A utilização desse *paralelo subjacente* auxilia o autor não somente a definir, por oposição ou analogia, algumas características pessoais desses varões, mas também a comparar as situações espaço-temporais pretensamente semelhantes. (2003, p. 83)

Portanto, os paralelos estabelecidos pelos autores entre figuras de sua época e da Antiguidade contribuem na atribuição de sentidos e características aos biografados, transferindo significados e estabelecendo relações de semelhança. As relações estabelecidas entre antigos e modernos buscavam também transferir o prestígio da Antiguidade para os biografados, os colocando frente a frente com o prestígio dos Antigos, uma estratégia para heroicizar a história em construção da nação (TURIN, 2011, p. 7).

Sobre os autores, o que a bibliografia menciona é que Achyilles Porto Alegre nasceu em 1860. Após a morte do pai, ingressou na Escola Militar de Porto Alegre para poder estudar, chegando a participar dos confrontos entre a província e o Uruguai nas chamadas "questões platinas" (SILVEIRA, 2008, p. 45). Após retornar à Porto Alegre, ingressou na carreira do magistério, onde também outros membros do Partenon se encontravam, chegando a ser inspetor escolar. Participou ativamente da vida literária da província, atuando na fundação da Academia Rio-grandense de Letras. Foi também diretor dos jornais *Jornal do Comércio* (1884-1903), *A Escola* (1889), *A Notícia* (1896) e *O Mosquito* (1889). Já sobre Juvêncio Augusto de Menezes Paredes, tem-se pouca informação. Até onde a bibliografia indica não tinha formação acadêmica e era igualmente professor (SILVEIRA, 2008, p. 1776-177). Sua atuação na Revista do Partenon foi pouco expressiva se comparado a outros autores da sociedade como Achylles Porto Alegre. Enquanto Porto Alegre publicou 49 vezes na revista, Menezes Paredes publicou apenas 6 vezes. Foi também redator do *Diário de Pelotas* (1868) e Deputado à Assembleia Provincial do Rio Grande do Sul (SILVEIRA, 2008, p. 179).

A GUERRA FARROUPILHA E O PARTENON

Entre os temas locais descritos pela sociedade, destaca-se a Guerra Farroupilha, conflito armado ocorrido na província entre 1835 e 1845 que opôs as elites estancieiras e o exército imperial. Entre os motivos é possível citar a reivindicação por taxações do charque argentino, por ser mais barato que o rio-grandense e ideais republicanos. Após o evento, ocorreu uma censura imperial sobre o conflito, seguida de anos de silêncio até as primeiras manifestações republicanas no final do XIX que celebravam o evento (MENEGAT e ZALLA, 2011, p. 50), período em que se encontra o Partenon. Apesar da exaltação da guerra como uma epopeia homérica, a opinião entre os literatos da revista sobre o conflito não era unânime (LAZZARI, 2011, p. 76). Podemos citar os exemplos de Caldre e Fião, um dos fundadores da sociedade e considerado pioneiro do romance regionalista, com sua obra *A Divina Pastora* de 1847. A obra tem como pano de fundo a Guerra Farroupilha onde há uma crítica monarquista à revolta (GOMES, 2006, p. 128). Já Achylles Porto Alegre, como já mencionado, faz um elogio ao caráter bélico dos habitantes da província de São Pedro, atribuindo à região o título de "Esparta Brasileira", característica que segundo o autor: "nenhuma outra província se abalance a reclamar semelhante titulo conquistado pela bravura, pelo heroísmo e o mais ac1ysolado civismo de seus filhos" (1874, p. 47). Tal citação é encontrada na biografia escrita pelo autor de um líder farroupilha, Antônio de Souza Neto, logo é possível supor que o elogio ao caráter bélico da província se estenda a Guerra Farroupilha.

As referências à Antiguidade nas fontes selecionadas, em relação à Guerra Farroupilha, cumprem dois papéis, o de caraterização do Rio Grande do Sul como região militar e guerreira, sendo a Guerra Farroupilha um dos grandes episódios "homéricos" e o de caracterização dos biografados, líderes farroupilhas, que seriam modelos para as próximas gerações a vir e semelhantes a personalidades da história romana. No primeiro caso, encontramos, por exemplo, referências que caracterizam a Guerra Farroupilha como um episódio homérico (PORTO ALEGRE, 1874, p. 48). Já no segundo caso, predominam as comparações entre Davi Canabarro e personalidades na história romana, onde o biografado torna-se exemplo de humildade e simplicidade que, como ditadores romanos do passado, teria deixado o campo de batalha para buscar a vida simples do campo: "servindo elle no exercito até a campanha de 1825, epocha em que se retirou á vida privada, dedicando-se, como alguns de seus modelos romanos aos labores da vida pastoril" (PAREDES, 1874, p. 630). Em determinado ponto do texto os modelos romanos citados são revelados como sendo de Camilo e Cincinato, dois ditadores romanos envolvidos em batalhas contra bárbaros: "Assim fazia o grande Cincinnato nos dias gloriosos da antiga Roma! Assim o fez o dictador Camillo, quando expulsos os gaulezes, voltou aos seus trabalhos agrícolas!" (PAREDES, 1874, p. 652).

CONCLUSÃO

Do que é possível concluir até o presente momento da pesquisa, ressalta-se a importância do mundo clássico para as elites intelectuais do século XIX. Segundo Cezar, a presença dos antigos nas biografias não demonstra um atraso, mas a influência e validade da cultura clássica nos finais do XIX (2003, p. 84). Não se pode deixar de mencionar a importância da retórica na formulação dessas referências ou na permanência da tradição clássica no Brasil, presente mesmo nas instituições de

ensino, como o colégio Dom Pedro II. Por fim, é possível concluir , até o presente momento, que as relações estabelecidas entre Antigos e heróis farroupilhas tratam-se de uma estratégia de heroicização de um passado polêmico que até então encontrava-se sobre a censura imperial. O uso da Antiguidade referente a Guerra Farroupilha nas biografias pode ser definido de duas formas: na caracterização da província como uma potência guerreira, uma Esparta Brasileira, sendo a Guerra Farroupilha uma epopeia homérica da história militar da província; e na caracterização dos biografados comparados com personalidades da história romana, sendo descritos como modelos a serem seguidos.

REFERÊNCIAS

BAKOGIANNI, Anastasia. What is so "classical" about Classical Reception? *Revista de Estudos Clássicos*, Rio Janeiro, v. 4, n. 1, p. 96-113, jun. 2016.

BAUMGARTEN, Carlos Alexandre. *Literatura e crítica na imprensa do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Escola Superior de Teologia São Lourenço de Brindes, 1982. CESAR, Guilhermino. História da Literatura do Rio Grande do Sul. 2. ed. Porto Alegre: Globo, 1971.

CARVALHO, José Murilo de. História intelectual no Brasil: a retórica como chave de leitura. *Topoi,* Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, p. 123-152, dez. 2000.

CEZAR, Temístocles. Livros de Plutarco: biografia e escrita da história no Brasil do século xix. *Métis*: história & cultura, Caxias do Sul, v. 2, n. 3, p. 73-94, jun. 2003.

CHEVITARESE, André Leonardo; CORNELLI, Gabriele; SILVA, Maria Aparecida de Oliveira (Org.). *A Tradição Clássica e o Brasil*. Brasília: Fortium, 2008.

FERREIRA, Athos Damasceno. *Imprensa literária de Porto Alegre no século XIX*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 1975.

GOMES, Carla Renata Antunes de Souza. *De rio-grandense a gaúcho o triunfo do avesso*: um processo de representação regional na literatura do século XIX (1847-1877). 2006. 356 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de História, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2006.

JAUSS, Hans Robert. *A História da Literatura como provocação à Teoria Literária*. São Paulo: Editora Ática, 1994.

LAZZARI, Alexandre. *Entre a grande e a pequena pátria*: literatos, identidade gaúcha e nacionalidade (1860-1910). 2004. 384 f. Tese (Doutorado) – Curso de História, Departamento de História, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2004.

MARTINDALE, Charles. *Redeeming the text*: latin poetry and the hermeneutics of reception. Cambridge: L Cambridge University Press, 1993.

SILVEIRA, Cássia Daiane Macedo da. *Dois pra lá, dois pra cá*: o parthenon litterario e as trocas entre literatura e política na porto alegre do século XIX. 2008. 182 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de História, Departamento de História, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008.

TURIN, Rodrigo. *Os Antigos e a nação*: algumas reflexões sobre os usos da antiguidade Clássica no IHGB (1840-1860). Disponível em <https://journals.openedition.org/acrh/3748> Acesso em 1 de março de 2022.

VARGAS, Anderson Zalewski. Recepção da Antiguidade: a tirania de pisístrato na defesa da monarquia moderada no jornal correio da liberdade (porto alegre, 1831). *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 40, n. 84, p. 93-1117, ago. 2020.

ZALLA, Jocelito; MENEGAT, Carla. História e memória da Revolução Farroupilha: breve genealogia do mito. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 62, n. 31, p. 49-70, dez. 2011.